

5. SABER ESCOLHER

Prontidão – Afetividade – Decisão – Projeto

Um alerta soa quando nos aproximamos do Escolher, mas nem sempre damos ouvidos a ele. Isso acontece porque Escolher exige que entremos em contato mais íntimo com nosso sistema de referência, que vejamos onde estamos enraizados e que novas raízes queremos criar. Este alerta põe bem perto de nós, como se em uma lente de aumento, nossas fraquezas e forças; nosso desejo (querer) e nossa vontade. Ele nos coloca em contato com duas faces de uma moeda que tem como valor <<como quero seguir>>: *inexorabilidade dos fatos* e *atitude*.

Quanto à *inexorabilidade dos fatos*, ficamos surdos a este alerta, entre outros motivos, por falta de lucidez em relação a situação vigente, por hábitos instalados de longa data, por medo do novo que nos paralisa, pela incerteza que nos desestabiliza, por termos que sair do que nos é cômodo, mesmo que inconveniente, ou conveniente, mesmo que incômodo. Quanto à *atitude*, este alerta nada tem a ver com o que nos é exterior, mas, ao contrário, nos remete a uma realidade absolutamente pertencente ao nosso âmbito individual, ao nosso foro íntimo, no qual apenas nós podemos intervir. Somos proprietários únicos de nossa atitude, não há procuração delegada *por* e *para* ela. As questões que se nos colocam são cabais: Que atitude cultivo? Que atitude a cultivar?

No que concerne Relações Intergeracionais, ambas – *inexorabilidade dos fatos* e a *atitude* – se oferecem continua e simultaneamente. Elas exigem plasticidade no agir, isto é, ultrapassar posturas rígidas, pré-fixadas, indelévels do que é viver como cidadão, pais, filho, amigo, educador, aluno, chefe, funcionário ou de como eu, ser humano, criador de minha própria história quero me inserir nessa realidade. Elas igualmente nos remetem à questão da *Afetividade*, enquanto nossa capacidade de *compreender* (ter conhecimento) e *entender* (integrar ao que já está construído em nós) como afetamos e como somos afetados na nossa relação conosco mesmo, com o outro e com nosso entorno. Nesta perspectiva a palavra *Afetividade* é magistralmente tratada por Stephan Lupasco quando ele propõe a necessidade de irmos além da lógica binária, do *sim* e do *não*, e nos abrimos para a emergência de algo novo, uma terceira via, um terceiro termo que ao ser incluído desvenda para nós, nós mesmos, novos caminhos e novas possibilidades. O ato de Escolher leva à emergência de uma terceira via que nos arranca da tensão binária de um *sim* ou *não*. Esta *Afetividade*, que até certo ponto nos está velada, é que nos impede ou impele o Escolher. Aqui entra em jogo um fator determinante: o tempo – Se Escolher, *quando*? Ao Escolher instantaneamente somos colocados, ou inauguramos um novo caminho; tornamo-nos novos buscadores. Quero esta busca? Em nome do que?

Escolher implica em *Decisão*. *Decisão* é cindir. A cada *Decisão* podemos entrever traços de nossa essência. A cada *Decisão* novos elos se estabelecem e a vida é continuamente renovada. A impossibilidade de relação intergeracional está muito atrelada à nossa impossibilidade de cindirmos com padrões onde já não existe genuína troca relacional, mas apenas um cordão de formalismos, de exigências ou de obrigações. Nos sentimos acuados e não temos códigos para exercer tal ato relacional, quando muito, tudo se restringe a protocolos descolados de sentimento e apoiados em caricaturas de cada geração. Ex.: os jovens são irresponsáveis; os

velhos acham que sabem tudo e melhor; os adultos só querem correr atrás de dinheiro; as crianças querem o mundo e o fundo... e por aí vai. Criamos uma caricatura de cada geração e passamos a viver a partir dela e implodimos, sem nos darmos conta, a ponte para a troca, pois o ser humano ao qual estamos face a face já foi forjado por ela. E, pior ainda, em relações apoiadas em caricaturas é fácil enterrarmos nossa alma.

Não é por acaso, que no referencial cognitivo *Árvore do Saber Aprender* de Hélène Trocmé Fabre, a etapa <<Saber Escolher>> vem após a denominada <<Criar Sentido>> e antecede as duas seguintes << Saber Inovar e Saber Trocar>>. A cada etapa uma reflexão simples para compreender porque esta sequência foi por ela escolhida.

Um ato intergeracional fértil e vivo precisa ser cultivado constantemente. Assim como hoje temos receio de telefonar para x por medo de incomodá-lo ou por timidez e preferimos o *WhatsApp*, em uma situação social temos receio de nos aproximarmos de alguém de gerações mais distantes da nossa por não termos *o que e o como* expressar o humano que poderia possibilitar este relacionar-se. Estamos tão submetidos a um padrão de <<etiqueta (o que permite o campo relacional)>> ou total ausência dela, que não ousamos romper o círculo da incomunicabilidade. A opção mais fácil é nos retrairmos, nos fecharmos no redemoinho de nossas *n* considerações sobre uma dada Geração – **G** ao invés de ousarmos a liberdade do diálogo. Isso acontece em todos as Gs.

As escolhas têm em si, por natureza, um caminho histórico e um caminho estrutural, ou seja, coletivo e individual – há um valor *afetivo* em cada escolha que fazemos. Nas relações intergeracionais, podemos escolher desconsiderar a demanda ou nos aproximarmos dela; explorá-la apenas a partir de necessidades físicas ou incluir aquelas de implicações mentais, emocionais, simbólicas, anímicas e espirituais; nos sentirmos parte desta realidade ou nos alienarmos dela. A natureza de nossa escolha ilustra o salto a ser ou não dado para dentro de nossa humanidade e da cadeia de vida dos que navegam no trecho do mesmo grande rio em uma dada *Epoché*. Escolher é um ato singular. Não escolher é manter-se à margem do fluxo de vida.

Há uma ilha silenciosa na nossa interioridade, a qual pouco somos treinados a visitar, que pode melhor nos elucidar na hora de Escolher. Escolher é *Decisão* e *Decisão* é sempre uma cisão; uma cisão sempre exige desapego de crenças, hábitos e de valores já caducos. *Decisão* é uma grande realização do humano que está sempre em contínuo acontecer. *Decisão* inaugura sempre um *Projeto*, nos põe em um novo caminho. Um *Projeto* não é um Programa. Ele instala um processo e *nele, com ele, por ele* se abrem realizações, riscos, sucessos e fracassos. Contudo, ele sempre traz consigo ampliação de nossos horizontes e aproximação para o sentido de nossa existência. Um *Projeto* é sempre um movimento para o ainda não existente e para o sempre existente.

Escolher é sempre uma resolução. Este ato exige privilegiar *x* e preterir *y*. Ele instaura uma lógica, uma estética e traz em seu bojo implicações de natureza ética. Não escolhemos para ficar no mesmo, apesar de que há escolhas que elevam este nome, mas que em verdade não passam do mesmo em nova roupagem. Escolher deve levar para uma nova abertura, pois tal ato parte de um novo sentido, isto é, de uma melhor afinação com o que genuinamente somos em essência. Escolher vem de uma *Decisão* genuína, abre um novo jogo, lança o sujeito para uma nova clareira, para uma resolução – para uma ação resoluta. Escolher, de certa forma, alça o sujeito de sua fatalidade e o eleva a um patamar mais próximo da realização de seu destino. O ser que somos pode despontar a cada Escolher.